

## **VULNERABILIDADES RESTRINGEM MAIORES AVANÇOS NA ECONOMIA FLORESTAL**

Na busca por uma posição de vantagem competitiva, setores da economia de países produtores procuram identificar os seus pontos fracos e fortes, assim como as oportunidades e ameaças que se apresentam ao seu desenvolvimento. No entanto, eventos importantes e dificilmente previsíveis têm ocorrido ao longo da economia no final do século passado e início deste século, mostrando a difícil tarefa de prever eventos e suas conseqüências para a economia global. A competitividade e voracidade da economia chinesa, as barreiras à importação de produtos estrangeiros realizada pela União Européia e a crise financeira mundial em 2008 e 2009, além de catástrofes naturais e atentados terroristas de grande magnitude, têm submetido setores produtivos de todo mundo a pressões e modificações drásticas, evidenciando a fragilidade e vulnerabilidade de diversos setores da economia, inclusive a do setor florestal.

A análise conjuntural do mês de setembro de 2010 do Centro de Inteligência em Florestas aborda a vulnerabilidade do setor florestal brasileiro, além de questões gerais relacionadas ao mercado de produtos florestais.

### **Segmento de Celulose e Papel**

O segmento de celulose e papel tem se mostrado vulnerável à possibilidade de escassez de matéria-prima (eucalipto e pinus), dado a sua taxa de crescimento e expansão; bem como a riscos inerentes aos processos logísticos e de transportes, principalmente com relação à capacidade de escoamento da produção; infra-estrutura portuária e retro-portuária e modais eficientes de transportes (apenas as empresas Fibria e Veracel têm condição logística privilegiada para o escoamento de seus produtos, pois possuem terminais portuários próprios); informalidade no segmento, principalmente de embalagens; excessiva carga tributária; falta de política governamental adequada de fomento a projetos de atuação sócio-ambiental responsável;

escassez de mão-de-obra qualificada; limitação de recursos destinados aos investimentos necessários do segmento e dependência de matérias-primas importadas e de poucas fontes de suprimentos (por exemplo, soda cáustica).

Mesmo assim, o segmento é competitivo, devido às vantagens comparativas que o Brasil apresenta na produção florestal, e tem apresentado produção e exportação historicamente crescentes apesar de nos últimos meses ter sido observado declínio nas exportações nacionais de celulose e papel.

Segundo dados divulgados pela Associação Brasileira de Celulose e Papel (BRACELPA), em julho de 2010, o país exportou 634 mil toneladas de celulose, queda de 23,2% em relação a julho de 2009. Essa queda foi devida à antecipação de compra no ano passado. De junho a julho de 2010 a queda na quantidade exportada de papel e celulose foi de 7% devido, em parte, à redução do ritmo de importação chinesa - que hoje responde por cerca de 30% das vendas brasileiras.

Entretanto, a Europa continuou sendo o principal destino da celulose brasileira, com receita de US\$1,189 bilhões em julho de 2010. A China, por sua vez, foi responsável por uma receita de US\$704 milhões no mesmo período.

A produção de celulose subiu 5,1% em julho de 2010 ante o mesmo mês de 2009 e 11,3% em relação a junho de 2010, chegando a 1,215 milhões de toneladas. De janeiro a julho de 2010, o crescimento da produção nacional foi de 8,3 %, atingindo 8,109 milhões de toneladas.

Ressalta-se, ainda, que do total da celulose produzida em julho deste ano, 1,05 milhão de toneladas correspondeu a fibra curta, enquanto 127 mil toneladas foram de fibra longa. Pastas de alto rendimento registraram produção de 38 mil toneladas.

Segundo a BRACELPA, a produção de papel cresceu 3,7% em julho de 2010 em relação ao mesmo período de 2009 e 6,9% ante junho de 2010, chegando a 833 mil toneladas. No acumulado do ano, de janeiro a julho de 2010, o crescimento da produção de papel foi da ordem de 6,5%, atingindo 5,662 milhões de toneladas.

Do total produzido em julho de 2010, 420 mil toneladas corresponderam a papéis para embalagens. O segmento registrou crescimento de 4% ante julho de 2009 e de 13,2% ante junho de 2010.

Papéis de imprimir e escrever apresentaram um aumento na produção de 5,1% em julho de 2010 em relação a julho de 2009 e de 2,7% contra junho de 2010, chegando a 228 mil toneladas.

As exportações de papel foram de 161 mil toneladas em julho de 2010, queda de 4,7% ante o mesmo período do ano passado e de 6,9% ante junho de 2010. Porém, de janeiro a julho de 2010, a alta é de 11,2%, totalizando 1,255 milhão de toneladas.

As expectativas com relação à produção e às exportações nacionais são favoráveis, devido à ampliação da capacidade produtiva de algumas empresas, construção de novas fábricas e crescimentos dos países emergentes.

### **Segmento de Produtos Florestais Não-Madeireiros**

O segmento de produtos florestais não madeireiros é vulnerável à variações climáticas, bem como ao ataque pragas e doenças, crises econômicas, escassez de informações de mercado, intenso mercado de terras, construção de infra-estruturas turística e agropecuária e desinteresse do poder público, que podem destruir a base extrativa, independente de sua rentabilidade.

Esses fatores contribuíram para que o Brasil perdesse posições no *ranking* dos maiores exportadores mundiais desses produtos, como é o caso da borracha natural e do palmito.

Apesar disso, o país consegue exportar alguns produtos florestais não madeireiros como castanha-do-pará, óleos essenciais de eucalipto, ceras vegetais, palmito e tanino, como pode ser observado no Quadro 1.

Quadro 1 – Exportação brasileira de produtos florestais não-madeireiros.

Mês	Castanha-do-pará		Óleos essenciais de eucalipto		Ceras vegetais		Palmito		Tanino	
	US\$ FOB	Ton.	US\$ FOB	Ton.	US\$ FOB	Ton.	US\$ FOB	Ton.	US\$ FOB	Ton.
Jun./2010	2.908,8	1.752,5	480.906	38,2	9.437,8	1.697,8	595.701	126,6	16.711	0,17
Jul./2010	2.734,2	1.317,7	232.661	17,1	7.015,8	1.223,9	652.910	157,2	0	0
Ago./2010	1.540,9	787,0	481.699	38,0	8.421,8	1.474,3	434.963	71,1	135.285	1,45

Fonte: MDIC (2010).

Porém, a situação mais crítica é a da borracha natural, pois a seringueira (*Hevea brasiliensis*) é uma planta originária do Brasil. Dentre as mais de dez espécies do gênero *Hevea*, é a única explorada comercialmente por ser a mais produtiva e possuir látex de qualidade superior. No início do século XX, o Brasil detinha o monopólio da produção e da exportação mundial da matéria-prima, mas atualmente responde por apenas 1,2% da produção global, não conseguindo suprir as necessidades da indústria consumidora instalada no País. O Brasil produz cerca de 34% do que consome e as importações são crescentes devido ao desenvolvimento econômico (Quadro 2).

Quadro 2 – Importação brasileira de borracha natural.

Mês	Borracha natural	
	Valor (US\$ FOB)	Quantidade (t.)
Jun./2010	81.621.416	26.149.286
Jul./2010	59.697.085	18.403.616
Ago./2010	67.337.839	20.868.945

Fonte: MDIC (2010).

Contudo, a expectativa é de que a produção brasileira de borracha natural aumente nos próximos anos devido às novas linhas de financiamento específicas para a heveicultura e às políticas do governo. Ações deverão ser executadas, sob coordenação da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Borracha Natural (CSBN) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), para melhor organizar o setor e buscar alcançar a autossuficiência. O desafio é atender uma demanda da ordem de um milhão de toneladas em 2030, partindo de uma produção anual estimada em 127 mil toneladas em 2009.

Por se tratar de uma *commodity*, os preços da borracha natural são muito vulneráveis à saúde econômica dos principais países consumidores – China, Estados Unidos e Japão – e da Comunidade Européia, como se observou recentemente. Em 2008, os preços da TSR20 na Bolsa de Cingapura despencaram de US\$ 2.388 por tonelada no início de outubro para US\$ 1.020 por tonelada em meados de dezembro, o que representa uma queda de 57,3%. Hoje, a mesma borracha fechou o último dia de agosto cotada a US\$ 3.240 por tonelada.

Começa a atrair a atenção também o possível reflexo das mudanças climáticas na produção agrícola e florestal. A elaboração de mapas de zoneamento agrícola para algumas culturas, diante da possível elevação de dois graus Celsius na temperatura média do planeta até 2050, tem mostrado a importância das atuais discussões sobre o tema. Os estudos sobre os reflexos das alterações no clima na heveicultura se encontram em fase inicial.

### **Segmento de Madeira Processada**

O segmento de madeira processada é composto de pequenas, médias e grandes empresas. As grandes empresas, geralmente, possuem grandes áreas de florestas plantadas, a fim de garantir o acesso à matéria prima. Portanto, as fragilidades dessas empresas estão ligadas à atividade produtiva madeireira, tais como, longo ciclo de produção, alto investimento inicial, retorno demorado, dependência das condições naturais, falta de políticas e incentivos à produção florestal e legislação ambiental restritiva, dentre outros.

Já as pequenas e médias empresas deste segmento, segundo Vasco Flandoli, Presidente Executivo da Associação Brasileira de Produtores e Exportadores de Madeiras (ABPMEX), constituída de 90% de pequenas e médias serrarias, “uma das fragilidades deste segmento é, e sempre será, na grande maioria das empresas, a dependência de matéria-prima - toras de madeira – que geralmente vem de outro segmento florestal. As pequenas e médias serrarias, dadas suas características, nunca preocuparam em plantar florestas, salvo aquelas possuidoras de grandes extensões de terra. O baixo

grau tecnológico e baixa qualidade de mão-de-obra tornam a atividade pouco competitiva. São empresas 100% nacionais, cuja participação no mercado externo (exportação) nunca ultrapassou 20% do total de sua produção. Este segmento tem se mantido estável em número de estabelecimentos e na produção. Entre outras fragilidades, muitas comuns a outros setores, pode-se citar: a taxa cambial, os juros altos e impostos elevados. Especificamente para o segmento temos: custos elevados da matéria-prima (Tora); fiscalização intensa dos órgãos ambientais, pressionados pelas ONGS internacionais; política e legislação restritivas, entre outros.”

Outra ameaça a este segmento é a entrada de produtos e matéria-prima de outros países. Por exemplo, empresas brasileiras de móveis estão substituindo lâminas e madeiras tropicais por matéria prima importada dos Estados Unidos. Assim, espécies como nogueira, freixo, carvalho, maple, tulupeiro estão sendo cada vez mais utilizadas, especialmente quando o produto final é destinado ao mercado internacional. Um dos motivos para essa importação é que os produtores norte-americanos geralmente obtêm os selos do Forest Stewardship Council (FSC) e do Sustainable Forestry Initiative (SFI), dois dos sistemas de certificação florestal mais conhecidos do mundo. Outro fator para essa importação é que o fornecimento norte-americano de madeira e laminados é regular o ano inteiro. No Brasil, a época das chuvas faz interromper ou diminuir as entregas às indústrias, o que atrapalha o planejamento da empresa. Em estudo desenvolvido pela FAO, alguns analistas têm comentado: "Estamos perdendo terreno para os asiáticos porque eles cortam tudo de madeira tropical, e aqui é proibido". "Estamos perdendo espaço também na exportação de pinos, que representa 80% do que vendemos. Neste caso, para países como o Chile". Além disso, políticas de combate às mudanças climáticas têm intensificado o uso de madeira para produzir energia, sendo esta uma das razões para a alta do preço da mercadoria.

Apesar de todas estas fragilidades, um dos setores que se destacou neste primeiro semestre de 2010 foi o de madeira serrada, com um crescimento de 12% quando comparado com os seis primeiros meses de 2009.

Sozinho, este segmento foi responsável pela venda de quase 85 mil toneladas de madeira, o que gerou uma receita de, aproximadamente, US\$ 60 milhões.

Apesar da retomada das exportações e crescimento, após 24 meses de sucessivas quedas na geração de emprego, o setor madeireiro tem percebido com angústia o declínio de um segmento tradicional e importante gerador de divisas e mão de obra, o de compensado. No balanço das exportações, esta foi uma das poucas áreas que apresentaram queda. Em 2009, o comércio internacional desse produto gerou uma receita de US\$ 8,4 milhões, contra US\$ 7,8 milhões em 2010, uma queda de 7,5%. Quando a análise recai sobre a quantidade exportada, a retração é ainda maior. Ano passado foram enviadas para fora do país mais de 11 mil toneladas de placas de compensado e este ano foram exportadas 8,6 mil toneladas, uma redução de 22%.

Um dos motivos que justificam a queda é o crescimento da produção chinesa de compensado, feitos com madeira oriunda das florestas da Rússia. “Além de o Real estar muito valorizado, o custo de produção na China é muito menor do que no Brasil. Com isso, o compensado produzido lá acaba entrando no mercado muito mais competitivo do que o nosso”, pontua Guilherme Carvalho, diretor da Associação das Indústrias Exportadoras de Madeira do Estado do Pará (AIMEX). Como alternativas para dar novo fôlego ao segmento, o diretor sugere que o Governo acelere e simplifique mecanismos de promoção do reflorestamento. Para ele, só o compensado feito a partir de florestas plantadas pode competir com o produzido no país asiático. “O reflorestamento, por ter uma produção maior e mais uniforme, além de, geralmente, ser perto da indústria, reduz drasticamente o custo de produção. Então, acelerar o licenciamento desta atividade, tornando seus procedimentos mais simples, sem tantas exigências desnecessárias, é uma forma de gerar receita e emprego para o Estado”, observa Carvalho. O diretor acrescenta, ainda, que o compensado é um dos segmentos que mais emprega na indústria madeireira - “Enquanto uma serraria de médio porte emprega cerca de 50 pessoas, uma fábrica de compensado de igual tamanho gera quase o triplo de empregos diretos”, informa.

Para vários empresários do setor, a principal dificuldade é obter crédito, uma vez que a burocracia e as exigências ambientais são muitas. No Mato Grosso, por exemplo, nem todos os que pretendem reflorestar conseguem a LAU (Licença Ambiental), que é uma das exigências para o interessado conseguir financiamento e reflorestar.

### **Segmento de Carvão Vegetal**

A produção de carvão vegetal no Brasil possui certas vulnerabilidades que tem condicionado a conjuntura do mercado do produto e limitado os planos e, ou, as expectativas de expansão ou crescimento da atividade no país, constantemente.

Atualmente, mais do que antes, o sistema produtivo do carvão vegetal tem se mostrado vulnerável ou fragilizado sob prismas diversos. Apresenta-se, às vezes, insustentável quando, por exemplo, expõe certas regiões ou biomas específicos à desertificação e ou a destruição. Este mecanismo é reforçado pela presença de desmatamentos desordenados, quase sempre antecipando o plantio de culturas tecnificadas.

Em grande parte, a produção de carvão se dá de forma esparsa e, em um número imenso de pequenas propriedades. Em muitas dessas, trata-se de um processo produtivo pouco reversível e danoso, com o desmatamento ou destruição de matas nativas. Noutras, com a utilização de uma mão-de-obra informal e pouco remunerada. Num país de dimensão continental, a fiscalização e o controle da atividade são operacionalmente impraticáveis. As boas práticas, em geral, ficam restritas às áreas menos periféricas.

O setor fica mais vulnerável ainda quando se sabe que a estrutura de mercado é fortemente competitiva do lado da oferta e fortemente oligopolizada do lado da demanda, que além de outros problemas, gera preços quase sempre desfavoráveis para os produtores.

O transporte e a comercialização do carvão também conferem vulnerabilidade ao setor por se darem, muitas vezes, de forma clandestina ou ilegal.



Esse contexto de vulnerabilidades influencia a conjuntura produtiva-comercial tornando-a pouco atrativa, principalmente diante de um quadro de exigências socioambientais crescentes. Maiores avanços, portanto, na produção do carvão, ficam paralizados. A via da modernização do setor é o único caminho a ser percorrido. Caso contrário, a expectativa de crescimento do setor estará sob permanente ameaça.

Neste mês de agosto, os preços de carvão vegetal continuaram em queda acentuada. Na praça de Belo Horizonte, caíram de 106 para 95 reais por mdc, ou seja 10,37%. Na de Divinópolis, a queda foi maior ainda, de 102 para 80 reais por mdc, ou seja, 21,56%. Nos últimos quatro meses, a queda nos preços nas duas praças já somam, respectivamente, 28,00% e 39,40%, em Belo Horizonte e Divinópolis. Praticamente, os preços voltaram ao patamar de 2009, durante o período crítico da crise financeira mundial. Aparentemente, não há uma razão clara para essa queda, considerando o quadro de crescimento da economia interna e externa atual. Possivelmente, fatores estruturais estejam fixando esses níveis de preços.

### **Setor Moveleiro**

O setor moveleiro esteve fortemente vulnerável a diversos fatores críticos que limitaram por muitos anos o crescimento e adequação da indústria, tanto para o mercado interno, quanto externo.

Até 2008, a indústria de móveis brasileira atuou com limitada capacidade de inovação e diferenciação de produtos, com reduzida incorporação de novas máquinas e equipamentos, de novos insumos e matérias-primas no processo produtivo, com restrita adoção de inovações no processo organizacional-produtivo-comercial das empresas, ausência de economias de escala e escopo, e falta de arranjos produtivos locais eficientes. No entanto, em localidades diferentes, tempos diferentes e formas diferentes, vários segmentos-polos conseguiram superar os fatores críticos e as vulnerabilidades produtivas decorrentes.

Reformulada, modernizada e pronta para atender ao mercado, a indústria moveleira nacional, teve, no entanto, que lidar, de forma inesperada, com a crise financeira mundial instalada em 2009, abortando boa parte do esforço modernizador desenvolvido e limitando os avanços e, ou, o crescimento para o qual tinha se preparado tão competitivamente.

O apoio, entretanto, da política de incentivo ou de redução de impostos que prevaleceu até meados de 2010, mais a recuperação econômica interna e externa, permitiram que o setor se mantivesse bem posicionado no mercado e na competição, vencendo desafios, aumentando vendas, acompanhando o crescimento das economias interna e externa.

No bojo de todas as mudanças, destacou-se a capacidade inovadora da indústria que investiu fortemente na busca de um design arrojado, num marketing agressivo, e em arranjos produtivos locais (APL ou clusters). O potencial competitivo em relação à concorrência externa - chineses, indianos e europeus, sem dúvida, ficou evidenciado através do aumento das exportações e do atendimento do próprio mercado interno.

De fato, a vulnerabilidade no setor pode ser considerada relativamente baixa na atual conjuntura. As perspectivas são de maiores investimentos no setor com aumento de divisas e do número de contratações, com uma produção sustentada, pelo menos no médio prazo.

### **Equipe do Centro de Inteligência em Florestas**

Naisy Silva Soares - Economista, MS. Ciência Florestal

Alberto Martins Rezende - Eng. Agrônomo, MS. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva - Eng. Florestal, DS. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura - Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

\* Permitida a reprodução desde que citada a fonte.